



Acesse as imagens, créditos e cortesia [aqui](#)

Gisele Camargo abre individual na Mitre Galeria com nova produção desenvolvida na Serra do Cipó

Texto Curatorial: Miguel A. López

Abertura: 13 de agosto de 2026, das 18h às 21h

Período expositivo: 13 de agosto a 3 de outubro de 2026

Local: Mitre Galeria São Paulo — R. da Consolação, 2761, Jardins, São Paulo SP, 01416-001

Horários: Terça a sexta-feira, das 10h às 19h | Sábados, das 11h às 17h

Informações para imprensa e agendamento de entrevistas:

Thiago Domicio — Comunicação, Mitre Galeria
thiago@mitregaleria.com | +55 87 99913-4278

A Mitre Galeria inaugura em 13 de agosto a exposição *candeia*, individual de Gisele Camargo com curadoria textual de Miguel A. López. Desenvolvida a partir do novo ateliê da artista na Serra do Cipó, que funcionará também como residência artística e espaço de pesquisa interdisciplinar. A mostra apresenta polípticos de grande escala sobre o ciclo lunar e pinturas de formas indetermináveis que investigam a materialidade da cor e as forças invisíveis que conectam corpos celestes à vida terrestre.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

Mitre Galeria tem o prazer de apresentar 'candeia', individual de Gisele Camargo, com abertura em 13 de agosto, das 18h às 21h, em São Paulo, com texto curatorial de Miguel A. López.

Em 'candeia', Gisele Camargo articula duas linhas de investigação que gradualmente convergem: a materialidade da cor e as forças intangíveis que conectam os corpos celestes à vida terrestre. Desenvolvido a partir da consolidação de seu novo ateliê na Serra do Cipó, o trabalho emerge de uma relação direta com a paisagem, sua luz e atmosfera.

No centro da exposição, polípticos de grande escala exploram as variações cromáticas e luminosas do ciclo lunar, ao lado de pinturas que evocam 'forma-seres', suspensas entre paisagem, matéria e energia.

"A cor deixa, assim, de ser um atributo estável e passa a constituir um acontecimento: uma vibração instável que oscila entre a experiência sensorial, a observação científica e a especulação poética. É precisamente nessa instabilidade que Camargo situa sua prática." — Miguel A. López

A exposição é fruto direto da imersão da artista em seu novo ateliê e residência, cuja estrutura extrapola o espaço individual de criação: o projeto prevê uma residência multidisciplinar concebida para receber artistas, biólogos, botânicos, brigadistas de incêndio do cerrado, astrônomos e pesquisadores de diferentes campos em imersão real no território. "O que eu quero é que isso gere uma troca de conhecimentos, de saberes, de interesses", explica Camargo. A longo prazo, a artista planeja constituir um instituto voltado ao estudo do meio ambiente da região. Um espaço que, nas suas palavras, "possa eternamente receber essas pessoas e devolver algo ao próprio lugar".

"Acredito que o artista contemporâneo tem uma função com a sociedade e com a humanidade", afirma a artista. "Faz parte do meu próprio trabalho poder fazer algo físico nesse sentido: conseguir trazer outras pessoas para vivenciar este lugar que eu amo tanto."

SOBRE A ARTISTA

A obra de Gisele Camargo (Rio de Janeiro, 1970) atravessa os campos da paisagem, da abstração e da arquitetura, articulando uma pesquisa visual em constante expansão e reformulação. Por meio de pinturas, colagens, desenhos e instalações, a artista elabora construções que exploram os limites entre figura e plano, volume e superfície, simbolismo e abstração, visibilidade e ausência.

Sua produção se estrutura em séries que investigam tanto o repertório geométrico da cidade — com planos definidos, linhas rígidas e estruturas brutalistas — quanto a instabilidade da natureza, especialmente a partir de sua imersão no cerrado mineiro. Rochas, vegetações, camadas do solo e seus processos naturais surgem como matéria pictórica e simbólica, desdobrando-se em formas mutáveis que desafiam a lógica estável da paisagem tradicional. Em sua prática, a paisagem se reconfigura como superfície ativa de pensamento — em que o território não é apenas um cenário estático de contemplação, mas campo vivo de transformação e inscrição das energias vitais.

Exposições individuais selecionadas:

"candeia" (2026, Mitre Galeria, São Paulo); "Tabuleiro" (2021, Carbono Galeria, São Paulo); "Erosões" (2019, Central Galeria, São Paulo); "Luas, brutos e sóis" (2018, Luciana Caravello Galeria de Arte Contemporânea, Rio de Janeiro; e Periscópio Arte Contemporânea, Belo Horizonte); "Construção" (2018, Carbono Galeria, São Paulo; e Galeria Alfinete, Brasília); "Cápsulas e luas" (2015, Paço Imperial, Rio de Janeiro); "Noite americana ou Luas invisíveis" (2014, Luciana Caravello Galeria de Arte Contemporânea, Rio de Janeiro); "Falsa espera" (2012, Galeria Oscar Cruz, São Paulo); "Metrópole" (2011, Galeria Mercedes Viegas, Rio de Janeiro).

Exposições coletivas selecionadas:

"Depois da curva" (2025, Mitre Galeria, Belo Horizonte); "maa" (2023, Mitre Galeria, Belo Horizonte); "Brasilidade e Pós-Modernismo" (2022, CCB, Belo Horizonte, Brasília e São Paulo); "Gray Matters" (2017, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA); "Cruzamentos — Arte contemporânea Brasileira" (2014, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA); "Duplo olhar — Coleção Sérgio Carvalho" (2014, Paço das Artes, São Paulo); "Nova arte nova" (2009, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro); "Arte pela Amazônia" (2008, Fundação Bienal de São Paulo).

A produção recente de Gisele Camargo desdobra duas linhas de investigação complementares que se desenvolvem em paralelo e gradualmente convergem. Por um lado, investiga a materialidade da cor: a maneira como a cor emerge diante de nós e molda ativamente nossa experiência sensorial do mundo. Por outro, explora as energias intangíveis que conectam os corpos celestes aos territórios e às formas de vida que os habitam. Camargo é uma pintora tanto do visível quanto do invisível, daquilo que se manifesta fisicamente e daquilo que permanece imperceptível, plenamente consciente de que essas duas dimensões nunca são verdadeiramente separáveis, mas estão constantemente entrelaçadas.

Esse encontro entre o cromático e o sideral emerge de um processo desenvolvido ao longo de vários anos, que começou a se cristalizar após sua mudança para a Serra do Cipó, nas proximidades de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Cercada por cachoeiras, cânions, formações rochosas e espécies endêmicas do cerrado brasileiro, a artista foi convidada pela própria paisagem a reconsiderar os fundamentos da pintura. Em vez de tratar o ambiente como um motivo a ser representado, Camargo passou a abordá-lo como um sistema de forças e condições que tornam a percepção possível em primeiro lugar. Seu interesse deslocou-se gradualmente da representação para a investigação das próprias condições sob as quais ver, sentir e conhecer se tornam possíveis.

Nesse sentido, seu trabalho recente não busca reproduzir cenas específicas ou paisagens reconhecíveis. Em vez disso, Camargo pergunta como a cor aparece e o que determina sua manifestação. A luz não se comporta de maneira uniforme em diferentes ambientes; ela se modifica de acordo com a geografia, a atmosfera, a altitude, a umidade e as variações sazonais. Da mesma forma, a cor não pode ser compreendida como uma propriedade fixa ou autônoma dos objetos. A própria percepção é moldada tanto por condições físicas quanto culturais: aprendemos a distinguir determinados matizes, intensidades e contrastes porque os ambientes que habitamos os tornam significativos e socialmente legíveis. A cor deixa, assim, de ser um atributo estável e passa a constituir um acontecimento: uma vibração instável que oscila entre a experiência sensorial, a observação científica e a especulação poética. É precisamente nessa instabilidade que Camargo situa sua prática.

Sua nova exposição é concebida como uma exploração da influência dos corpos astrais sobre as condições perceptivas e materiais. Nas duas extremidades da galeria, a artista instalou dois polípticos de grande escala, *Lua Cheia* e *Lua Nova*, um dominado pela escuridão e o outro por uma luminosidade intensa. Cada obra resulta de uma investigação cromática minuciosa voltada para traduzir as sutis variações de luz associadas a dois momentos opostos do ciclo lunar: a lua nova — quando a Lua se posiciona entre a Terra e o Sol, tornando-se praticamente invisível a partir da Terra — e a lua cheia — quando a Terra se encontra entre o Sol e a Lua, permitindo que a superfície lunar apareça plenamente iluminada. Esses alinhamentos astronômicos foram historicamente associados não apenas a transformações físicas observáveis, como os movimentos das marés e os ritmos biológicos, mas também a interpretações cosmológicas nas quais muitas nações ameríndias reconheceram momentos de manifestação de energias sagradas.

Ambos os polípticos são construídos como grades compostas por círculos suspensos sobre um fundo plano. Por meio de delicadas gradações tonais e sequências cromáticas cuidadosamente moduladas, Camargo explora as qualidades cambiantes da luz lunar, como se cada pintura tentasse registrar fenômenos que normalmente escapam à percepção humana. A escala monumental de cada obra introduz uma dimensão adicional, evocando a magnitude das forças associadas à Lua e seu papel decisivo na estruturação dos ritmos do mundo vivo.

A escolha da Lua como motivo central não é incidental. Trata-se do corpo celeste que acompanhou a artista em sua experiência cotidiana na Serra do Cipó, tornando-se parte de sua vivência naquele território. Em vez de funcionar como uma entidade distante, a Lua aparece na obra de Camargo como participante ativa. Nesse sentido, a artista se posiciona em um espaço no qual, mais do que observar uma paisagem, ela se dedica a uma densa rede de relações e interdependências. Suas pinturas não representam a Lua como um objeto isolado; antes, procuram tornar tangível aquilo que é ativado por sua presença, mesmo quando tais processos permanecem além da percepção imediata.

Na maior parede da galeria, posicionada entre os dois principais polípticos, Camargo instalou quatro pinturas de médio formato. Cada uma contém formas sinuosas e ondulantes que emergem sobre um fundo escurecido. Como fragmentos de uma visão noturna ou percepções extraídas da vastidão do cerrado, essas figuras serpentinadas evocam múltiplas leituras possíveis: silhuetas vegetais, correntes de água, sementes, sombras animais, seres espirituais, campos magnéticos ou fenômenos atmosféricos.

Camargo deliberadamente resiste a fixar suas identidades, pois seu interesse não reside na classificação, mas na evocação de forças que excedem a determinação linguística.

Essas figuras parecem emergir da tensão gerada entre os dois polípticos situados nas extremidades opostas do espaço. Como se a própria instalação encenasse um encontro especulativo entre a lua nova e a lua cheia — dois estados que, no ciclo lunar, permanecem sempre distintos e temporalmente separados —, as pinturas operam segundo uma lógica de simultaneidade, e não de sucessão. O que está sendo proposto não é uma impossibilidade literal ou física, mas uma suspensão: um espaço pictórico no qual fenômenos descontínuos são colocados em proximidade.

É significativo observar como esta exposição prolonga e reconfigura o vocabulário visual mais amplo da abstração desenvolvido por Camargo. Em sua exposição anterior, *Erosões* (2019), a artista dirigiu sua atenção aos processos geológicos que lentamente modelam a superfície terrestre sob nossos pés. Rochas, sedimentos e os vestígios deixados pela chuva, pelo vento e pela erosão apareciam como inscrições materiais do tempo, articuladas por meio de uma linguagem de estruturas geométricas que, ainda assim, preservavam uma sensação de resíduo físico e espectral. Naquele conjunto de obras, Camargo se ocupava do tempo profundo da matéria e das transformações silenciosas que ocorrem no interior do próprio solo.

Suas pinturas atuais não abandonam essa investigação; ao contrário, ampliam sua escala e direção. Se *Erosões* explorava as operações do tempo geológico, o trabalho presente desloca sua atenção para sistemas de interdependência que se estendem para além da própria Terra. O movimento não é de ruptura, mas de dilatação: do geológico ao astral, da matéria erodida às forças gravitacionais e luminosas que atravessam o espaço, das camadas do solo às configurações cíclicas que excedem a temporalidade humana. Nesse deslocamento, Camargo convida o espectador a considerar formas de consciência que não estão centradas exclusivamente no sujeito humano.

Em última instância, Camargo não pinta apenas aquilo que vemos, mas as condições que tornam o ver possível. Sua prática traça relações e registra vibrações através dos materiais e do espaço. Entre a luz e a gravidade, sua obra abre-se para um campo contínuo de experiências em fluxo — simultaneamente familiar e estranho, estável e instável, perceptível e elusivo.

SOBRE O CURADOR Miguel A. López é escritor e curador cuja prática se concentra no papel da arte na política e na vida pública, nas dinâmicas de trabalho coletivo e colaborativo, e nas reescritas queer e feministas da história. É co-curador da edição de 2024 da Toronto Biennial of Art. De 2015 a 2020, atuou como curador-chefe e, posteriormente, co-diretor do TEOR/ÉTica, na Costa Rica. Em 2014, curou a seção Deus é bicha e a apresentação do Museu Travesti do Peru, de Giuseppe Campuzano, na 31ª Bienal de São Paulo.

Em 2019, curou a exposição retrospectiva Cecilia Vicuña: Seehearing the Enlightened Failure no Witte de With (atual Kunstinstituut Melly), em Roterdã, com itinerância para Cidade do México, Madri e Bogotá. Entre 2023 e 2024, uma segunda retrospectiva, Cecilia Vicuña. Dreaming Water, por ele curada, foi apresentada no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) do Chile, no MALBA, na Argentina, e na Pinacoteca de São Paulo, no Brasil. Outros projetos recentes incluem And if I devoted my life to one of its feathers? na Kunsthalle Wien, Viena (2021), e Hard to Swallow. Anti-Patriarchal Poetics and New Scene in the Nineties no ICPNA, Lima (2021).

É editor e autor de mais de vinte publicações sobre arte, sexualidade, justiça social, infraestrutura cultural e memória política, entre as quais Teresa Burga. Structures of Air (2015), The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War (2017), Virginia Pérez-Ratton. Central America: Desiring a Place (2019) e INSITE Journal 6: Common Thread (2023). Em 2016, recebeu o Independent Vision Curatorial Award do ICI.

SOBRE A GALERIA A Mitre Galeria, fundada em 2023 por Rodrigo Mitre, foi criada com o compromisso de fomentar uma imaginação social diversa e dinâmica no Brasil, baseada na convicção de que a prática artística é um motor vital para a transformação positiva dos indivíduos e da sociedade. A galeria tem se engajado ativamente na cena de arte contemporânea em Minas Gerais, em todo o Brasil e no exterior, representando um grupo de artistas de diferentes gerações, origens e práticas. Com um programa centrado em invenções estéticas que deslocam perspectivas, estimulando a revisão do passado e a reimaginação do futuro, enquanto permanece ancorada nas urgências do presente, a Mitre reafirma sua busca por iniciativas ousadas que nos conduzem ao desconhecido, acolhendo o mistério como uma força vital.

O ano de 2023 marcou a inserção internacional da galeria, com participação em importantes feiras e exposições. Entre os destaques estão a apresentação individual de Marcos Siqueira na Frieze New York e a presença de destaque de Luana Vitra na 35ª

Bienal de São Paulo. Em 2024, a galeria retornou à Frieze New York pelo segundo ano consecutivo, apresentando um estande individual de davi de jesus do nascimento.

Em 2025, a galeria inaugura sua nova sede em São Paulo, no bairro dos Jardins, reforçando sua presença na cena de arte contemporânea brasileira. O novo espaço foi concebido para ampliar o alcance da galeria e fomentar conexões mais profundas com novos públicos.

Essa trajetória internacional foi ainda reforçada por uma série de reconhecimentos institucionais relevantes. Em 2025, a Mitre Galeria recebeu o Focus Stand Prize na Frieze New York por sua apresentação de um projeto individual de Luana Vitra, cuja prática investiga as dimensões material, espiritual e sociopolítica do ferro na paisagem de Minas Gerais. A participação da galeria na EXPO Chicago também se destacou por importantes aquisições em edições consecutivas: em 2025, Wallace Pato recebeu o Northern Trust Purchase Prize, com uma obra incorporada à coleção do Dallas Museum of Art, seguido em 2026 por Diego Mouro, cuja pintura “Indo buscar Sá Rainha” foi adquirida pela The Phillips Collection em Washington, D.C., fortalecendo sua atuação no circuito nacional e ampliando sua projeção global.

Informações para imprensa e agendamento de entrevistas:

Thiago Domício — Comunicação, Mitre Galeria
thiago@mitregaleria.com | +55 87 99913-4278